


REVOLUÇÃO DIGITAL, DESINFORMAÇÃO E DEMOCRACIA: A CONTRIBUIÇÃO DE KARL JASPERS

Nivaldo Marins¹

Universidade do Porto (U. PORTO)

 <https://orcid.org/0000-0002-8013-3094>

E-mail: nivaldomarins@sapo.pt

RESUMO:

A revolução digital cresce a uma velocidade vertiginosa. A base dessa revolução é o paradigma técnico-económico, porém com novos instrumentos. Instrumentos que alcançam um nível planetário e influenciam a relação da nossa personalidade com o mundo. A desinformação é o rastilho de pólvora para a emergência, crescimento e disseminação de concepções racistas e xenofóbicas. Essa mudança põe em causa valores democráticos. A desinformação alimenta as massas. Veremos como as massas se formam, suas características e seu potencial nefasto de ação. Precisamos entender os mecanismos de como isso ocorre, os novos instrumentos utilizados, a conexão entre as fontes de informação, os caminhos que vão da persuasão das ideias a imposição dos atos. Enfim, iremos defender um posicionamento frente a absolutização da desinformação dentro do arcabouço democrático. Lançaremos mão do conceito de “Aparatus” utilizado por Karl Jaspers, em meados do século passado, como uma forma paralela com pontos de contato para nossa situação atual. Demonstraremos a força, influência da desinformação sobre as massas que se aglutinam e agem a partir do simples toque do celular nos dias que vivemos. Expressaremos, no final, que tal movimento põe em risco o nosso viver democrático e como devemos fazer frente a essa ameaça.

PALAVRAS-CHAVE: Jaspers; Desinformação; Democracia; Revolução Digital.

DIGITAL REVOLUTION, DISINFORMATION AND DEMOCRACY: THE CONTRIBUTION OF KARL JASPERS

ABSTRACT:

The digital revolution is growing at breakneck speed. The basis of this revolution is the techno-economic paradigm, however with new instruments. Instruments reaching a planetary level and influence the relationship of our personality with the world. The disinformation is a trail of gunpowder for the emergence, increment and dissemination of racist and xenophobic concepts. This change calls into question democratic values. In this text we will expose, discuss and demonstrate the consequences of this state of affairs that we live in today. We must understand the mechanisms of how this occurs, the new instruments used, the connection between sources of information, the paths that go of persuasion of ideas to imposing acts. At long last, we will defend a position of those who believe that democratic living should be extended to everyone who lives on this tiny planet. In short, we will defend a position against the absolutization of disinformation. We will use the concept of “Aparatus” used by Karl Jaspers, in the middle of the last century, to demonstrate the strength and influence of disinformation on the masses that coalesce and act from the simple touch of the cell phone.

KEYWORDS: Jaspers; Disinformation; Democracy; Digital; Revolution.

¹ Doutor(a) em Filosofia pela Filosofia Universidade do Porto (U. PORTO), Porto, Portugal.

Introdução

Vivemos a cada dia que passa o desenrolar de uma revolução sem precedentes. Estamos “mergulhados até ao pescoço” na chamada Revolução Digital. Levados ora por suas consequências para o nosso bem-estar, ora a caminho da descida aos infernos.

Num ápice de tempo ficaram para trás: a máquina a vapor, as ferrovias que cortaram países continentais, a iluminação das nossas casas, navios que passaram, com segurança, a conhecer “os sete mares”, as pegadas do homem na lua, o vislumbre de novas galáxias, o microcosmo, a certeza que somos atravessados a cada instante por milhões de partículas que não vimos ou sentimos.

Tal qual o centro de um furacão vivemos o engodo da perene calma. Não é assim. A denominada Revolução Digital com seus desdobramentos entra em nossas casas, nos nossos corpos e nas nossas relações sociais. As consequências? O que podemos fazer? O que devemos defender a todo custo? As linhas que se seguirão irão expor, discutir e apontar saídas para essas inquietantes e necessárias indagações.

Estamos diante de grandes corporações que “adivinham” os nossos desejos; a crença inabalável aos sofisticados algoritmos que passam a redefinir as nossas ações. Seria como um novo mandamento vindo de uma rede de satélites interligados que (e não mais da sarça ardente) nos indicasse: irás fazer isso. A crítica serena, a força da razão ponderada, a vigilância necessária das nossas forças humanas, demasiadamente humanas, passaram a um segundo plano.

Surgimento e desenvolvimento da Revolução Digital: mercado e desinformação

A chamada Revolução Digital vai abarcar a lógica de um mercado autorregulável a partir de novas “mercadorias”; surgirão novos tipos de valores de troca que não seja o dinheiro, o trabalho poderá ser feito em qualquer lugar, nas terras mais distantes, passaremos a comprar mercadorias e estaremos constantemente a fazê-lo sem a presença material do produto. Nem nos passará pela cabeça a “força do trabalho” que foi utilizada. O novo mercado busca novos locais onde possa atuar. Afinal de contas, as máquinas não têm pátria. A verdade daquilo que vale será ditado pelo mercado.

No entanto, existe uma “mercadoria” que vai ser buscada de forma ávida, valendo para consegui-la, por vezes, pular as cercas da ética. Ei-la: é o conhecimento de ponta que vai permitir a todo o sistema transformar dinheiro em mais dinheiro.

Vale lembrar que já usamos há tempos, no nosso quotidiano robot, quer para limpar as nossas casas, quer para nos auxiliar em complexas cirurgias. Segundo o que nos demonstra o evoluir tecnológico ficaram para trás os avanços do tubo a vácuo, a criação do transistor (antes eram as válvulas), num curto espaço de tempo foi criado um microprocessador de silicó, paralelamente o departamento americano de defesa instala os primeiros computadores na década de 70 do século passado, o que viria dar origem a internet.

Como diz Knell: «O Apollo Guia Computacional foi o primeiro circuito integrado de silício baseado em computador, que levou ao microprocessador. Este foi o Big Bang da Revolução Digital.» (Knell, 2021, p.16)

Passo seguinte foi a integração da tecnologia física aos circuitos computacionais, software e uma rede de satélites. A tecnologia social tinha como alvo a inovação global de redes (Global Innovation Networks) e aprendizagem da produção. Como exemplo de sustentação de todo esse processo, na linha de frente, teríamos o uso contínuo dos aparelhos celulares

O paradigma a ser seguido responde pelo nome de: Paradigma Técnico-Económico. A difusão e crescimento deste paradigma ocorreu em “ondas” sucessivas; atualmente, vivemos a “onda” do desenvolvimento e aplicabilidade da inteligência artificial, que, diga-se de passagem, não escreveu esse texto.

Todo o desenvolvimento do “mundo digital” necessita não só da criação de novos instrumentos, mas principalmente de elementos que acompanham, há séculos, o homem rumo ao progresso. São eles: a colaboração entre cientistas; uma colaboração entre os networks; a criação de rotinas e regras para a utilização plena dos avanços científicos; a noção de afiliação entre as pessoas na aplicação crítica dos avanços alcançados; uma discussão e crítica dos avanços alcançados; se vivemos numa “sociedade em rede”, aspetos críticos (a origem da crítica é a separação das coisas no plano ético) não devem ser menosprezados. Todas essas vertentes acarretam uma profunda mudança da relação personalidade-mundo e de um dos elos fundamentais dessa relação, a presença e manutenção do cumprimento da verdade compartilhada.

Uma notícia vinculada deve ter em si uma informação que possa vir a ser verificada, com o auxílio de outras fontes de informação. Em nome do interesse público a veracidade do que é vinculado deve ser mantida; caso isso não ocorra as consequências, que veremos mais a frente e o próprio futuro e estrutura das instituições democráticas, correrão um sério risco. Basta, por exemplo, ver no YouTube toda a maquinação, perspicácia e inteligência de Joseph Goebbels, o ministro da propaganda do nazismo, em seus discursos; ele não possuía, na altura, toda a estrutura tecnológica que temos nos dias que correm para passar as suas “informações fidedignas”.

Passamos a aceitar de forma passiva um simulacro da verdade.

Devemos ter em conta as palavras de Dias:

As assim chamadas falsas notícias são uma tentativa de simular jornalismo e sua busca pela verdade com objetivos completamente diferentes. Existe, ainda, uma outra definição das “fakenews” como notícias que transmitem ou incorporam falsidades fabricadas, ou deliberadamente errôneas informações, ou que seja caracterizado ou acusado de fazê-lo. (Dias et al, 2022, p.3)

Existem mais dois conceitos que devem ser esclarecidos: primeiro, o conceito da informação errada (ou se quisermos o mal-entendido) que implica uma incompleta ou imprecisa informação; segundo, o conceito da desinformação com o objetivo claro de criar danos. A desinformação é deliberada, voltada para objetivos com o intuito de causar malefícios, que pode atuar sobre governos constituídos, instituições específicas, mecanismos de ação de defesa territorial, buscando influenciar a opinião pública em eleições ou em causas específicas como a defesa dos mares ou a liberação das armas para a população.

Todas essas ações buscam um fim único, que é o controlo da sociedade através da derrocada da forma de governo democrática. A velha máxima de Francis Bacon é alterada: “saber é poder” passa a “o saber manipular é poder”. O caudal imenso de informações que recebemos passou a ter uma denominação específica, assim temos segundo Dias:

A abundância de informação também cria problemas imprevistos; alguns autores usam o termo infoobesidade (uma mistura de informação e obesidade) para caracterizar pessoas que consomem uma quantidade tão grande de informação que quando acabam tem efeitos negativos sob o seu bem-estar e habilidade de concentração. (Dias et al, 2022, p.4)

Voltemo-nos para os dados a partir dos elementos oferecidos por Dias em seu artigo que mostra a criação do The Pew Research Center com o objetivo de monitorar as figuras usadas nas

redes sociais; 5% de americanos lançou mão dessas plataformas; em 2020 o número alcançado foi de 72% de utilizadores; a plataforma mais utilizada pelos americanos até 2017 era o Facebook, com a percentagem de 68% e em 2019 a plataforma número um passou a ser o YouTube, que foi utilizada por 73% dos americanos.

Isto posto, cabe a questão: de que depende a desinformação? Depende, para a sua sobrevivência, do compartilhar os seus conteúdos nas redes sociais, acrescido ao fato de uma mudança do processo de desinformação. Graças a toda tecnologia digital, os consumidores podem tornar-se também produtores de desinformação.

Os consumidores passam a viver a falsa ideia que possuem um papel preponderante em definir quais os temas de relevância, aqueles que verdadeiramente devem circular, produzidos agora “em parceria” com a mídia industrial. Em outros termos, uma história passa a ser “viral”, construída pelas minhas mãos, sem sofrer qualquer vínculo com a veracidade do ocorrido.

Acontecimentos vinculados por mensagens falsas, pela rapidez e crenças nessas mensagens, agregam a sua volta multidões; passa a ser o óbvio que o planeta é achatado. Não nos deixemos levar pela primeira “verdade” que chega aos nossos ouvidos, não nos deixemos ser influenciados pelo clamor das multidões “on line”. A realidade é algo que tocamos realmente, que nos faz oposição, é compartilhada com o outro e é “sentida na carne” o sofrimento comum.

Somos de opinião que ao longo dos séculos a tecnologia, independente das claras conquistas para o bem ou para o mal dos homens (veja a indústria militar), alterou as relações do “homem comum” com as coisas, e, por conseguinte, como por exemplo, a ordenação do nosso tempo diário. As imensas possibilidades que a revolução digital trouxe e trará necessitam serem feitas ao nosso serviço.

Verdade no mundo digital: cooperação, cultura e “atalhos mentais”

Qual a importância da verdade no mundo digital? É a respeito dessa questão basilar que agora iremos avançar.

Em um estudo levado a cabo por Hartl e Hess da Universidade de Munique, que recebeu o título de “O papel dos valores culturais na transformação digital: insight do estudo Delphi” (Hartl e Hess, 2017, pp.1-10) foi adotada uma abordagem para identificar valores culturais críticos para o desenvolvimento da transformação digital. O estudo Delphi é um estudo com 25 pesquisadores e peritos do campo da indústria, o objetivo é ter em mãos elementos de teor cultural que, frente ao meio instável causado por crescentes transformações, nomeadamente no campo industrial e dos negócios, identificar valores culturais que devam ser mantidos e estimulados. Em suma, busca-se responder ao seguinte: quais os valores organizacionais que são cruciais para o sucesso da transformação digital nos negócios? Em outros termos, busca-se especificar um apoio cultural organizacional para a revolução digital. Os dados foram coletados por 10 acadêmicos e 15 peritos, o estudo ocorreu em 3 fases: discussão de ideias, seleção da amostra e formação de um ranking. Os resultados obtidos mostraram que, frente a uma lista de valores organizacionais, tais como: abertura para mudanças, inovação, agilidade, foco no cliente, empreendedorismo, tolerância ao erro, verdade, comunicação, participação e cooperação.

No ranking final a verdade como valor mútuo entre a organização (uma rede de supermercados por exemplo), a liderança e os seus membros, assim como a transmissão da verdade a parceiros externos, obtiveram um sexto lugar num máximo de 12. Em primeiro lugar ficou a abertura para mudanças (relativamente óbvio). No entanto, tal ranking, no nosso modo de ver, ainda nos proporciona algumas surpresas: em último e penúltimo lugar encontramos respectivamente a cooperação e a participação.

A organização social de qualquer grupo humano que se reúna, na savana africana ou numa reunião para discutir com especialistas os próximos passos da presença e influência da inteligência artificial na vida do “homem comum”, necessita da cooperação entre diversas áreas do conhecimento.

Não devemos deixar de lado, elementos básicos: o auxílio mútuo se inicia com a cooperação na criação da cria e no suprimento de alimentos e proteção

A cooperação necessita da participação dos indivíduos que possuem um objetivo comum. A participação, para existir, deve ter como suportes a possibilidade aberta a discussão de ideias e democratização dos processos de decisão. A verdade necessita ser partilhada e exposta de forma clara e objetiva. A desvalorização da verdade abre caminho nas redes sociais para a xenofobia e o racismo, ou seja, como se diz na psicologia, para os instintos mais primitivos, no sentido dos primeiros instintos que surgiram em nosso desenvolvimento filogenético. A cooperação tem como sustentáculo a comunicação que funciona como uma forma se aproximar os indivíduos ao encontro da verdade. Ao comunicar-me com o outro, eu não quero, simplesmente, ouvir uma resposta ou mesmo fazer que a minha opinião venha a sobrepor-se à opinião alheia, pois «uma essencial parte da comunicação verdadeira é possuir perguntas e dar respostas sem limites» (Jaspers,1986, p.78)

Por outro lado, a desinformação vinculada e o tempo em que tal desinformação surge, ficam marcados em nossa mente e desaparecem para que uma nova mensagem venha à tona na nossa consciência. Optamos por chamar a esse processo de “flash digital”, que é rápido, repetido e eficaz.

Seguimos chamando atenção para um outro aspecto.

Usamos “atalhos mentais” que nos fazem executar tarefas automaticamente e mantiveram intactas respostas que já salvaram os nossos antepassados. Porém, existe um preço a pagar, pois certos “atalhos mentais” levam a um beco sem saída, que nos fazem acreditar em verdades que não são. Por exemplo a *ancoragem* «significa que quando mete uma coisa na cabeça, acima de tudo se não tiver grandes bases para apoiar a sua decisão, é desproporcionalmente influenciado pela primeira informação que ouve.» (Phillips, 2019, p.30). Quando avaliamos alguma coisa, antes da nossa decisão, caso nos seja oferecida qualquer “pista” sensorial ou verbal, essa “âncora” irá influenciar a nossa atitude final.

Um outro aspecto também deve ser considerado: estamos mais propensos, nomeadamente quando vemos imagens ou notícias sensacionalistas, a basear a nossa visão de mundo em coisas que ocorreram recentemente do que levar em conta coisas passadas que tinham uma representação mais precisa; simplesmente as esquecemos e com elas a justa avaliação. Somos mais propensos a acreditar mais fielmente naquilo que já acreditamos, com dificuldades colocamos diante da nossa mente a dúvida metódica. Mesmo que tenhamos diante dos olhos provas concretas, até mesmo em grande número, temos uma tendência mental a nos agarrarmos as nossas convicções., isto ajuda a explicar porque é que preferimos obter as nossas notícias de uma fonte que está em consonância com as nossas ideias políticas.

Por vezes, ao vivermos em grupos e na circulação de mensagens, abrimos mão de forma “subconsciente” de nossas opiniões e valores, abrindo caminho do que temos de mais instintivo; fazemos isso com o objetivo de sermos aceitos pelo grupo, de nos sentirmos integrados. Algo como a lembrança da ancestralidade da angústia ao cair da noite na hostil savana africana.

O ponto de vista de Karl Jaspers

Expressemos alguns pontos de ordem filosófica que poderiam nos ajudar a fazer frente a situação existente da constante desinformação que nos chega por via das redes sociais e o desvanecer da verdade. As bases da nossa resistência devem advir da política, ou melhor dizendo, da vida política. Karl Jaspers há tempos já assinalava que frente a crescente influência e penetração daquilo que ele chamou de “Aparatus” uma rede que com os seus tentáculos espalhados a partir de centros de decisão político-económicos agiam a manipular milhões de pessoas em suas vidas laborais e relações interpessoais.

Por conta da ação do “titânico apparatus” os indivíduos por ocuparem diferentes posições passageiras na sua relação com o mundo e com os outros, «não têm parte de uma substância histórica as quais eles imbuíram com sua individualidade». (Jaspers,1951, p.50)

Jaspers salienta:

Esse desenvolvimento está associado com a racionalização da produção e atividade distributiva, as resoluções são tomadas de acordo com o conhecimento e calculo em vez de mero instinto e desejo; é igualmente associada com a mecanização, todo o trabalho é feito sob regras detalhadas e regulamentos ao quais são aplicados e referidos a todos. (Jaspers,1951, p.35)

Como consequência as nossas necessidades básicas e novas necessidades criadas passam a ser respondidas de forma instantânea. Não há tempo a perder. Nesse vórtice de transformações existe uma vertente que não podemos perder de vista e que funciona, no nosso modo de ver, como um elemento crucial.

Vejamos.

A verdade não é evidente em si. Somos levados por discursos que nos inebriam por fatos que aceitamos prontamente. Necessitamos compreender a verdade. Como isso ocorre?

Através de duas vias: uma é o rigor das afirmações que fazemos em consonância com a realidade que observamos. O segundo é a devida demonstração dos mesmos fatos aos nossos pares.

Damo-nos conta que tais verdades: «...sustentam a vida do homem-pensando que nem toda vida é da mesma forma – que são então comunicados em afirmações» (Jaspers,1995, p.36)

Através da comunicação é que o homem poderá entrar em contato, antever e realizar-se na verdade. A verdade em sua dimensão de comunicação com outro exige: «... de nosso ser de homem é a solidariedade humana» (Jaspers, 2017, p.75)

Dados esses passos, passaríamos a ter comunitariamente não uma relação de imediatismo com as coisas, mas uma relação mediata pela comunicação com o outro.

Clarificando. Estaríamos envolvidos numa relação cujo objetivo comum é a verdade transmitida, compreendida e aceita frente as exigências da vida

Jaspers deixa claro: «todo novo ser humano inicia-se pela comunicação e não meramente com sua natureza biológica» (Jaspers, 1957, p.79)

Outrossim, a coletividade passou a ser tecnicista e marcada por uma rápida mudança de qualquer lugar ocupado por um individuo na coletividade.

Aspectos como: a identificação dos indivíduos com os seus pares, construídos ao longo do tempo, o seu conhecimento pessoal via autorreflexão, as marcas históricas da comunidade em que nasceu e se desenvolveu passam a ser desvanecidas. O futuro passa a ser insensível aos nossos desejos mais simples. A comunicação com os pares, elo fundamental e esteio da verdade compartilhada, passa a correr um grave perigo.

Jaspers salienta: «o englobar comunitário, no qual nos movemos como um, está agora dividido- uma divisão que nos tem dado consciência de como existe um abismo entre a comunidade e a sociedade». (Jaspers,1989, p.59)

Tais dificuldades irão abrir caminho para o surgimento das massas.

Voltemos a nossa atenção e capacidade racional para tal fato.

A comunicação manipulada ganha imensa força de penetração quando é transmitida às massas. Massas sem rosto. As propriedades das massas são: a impulsividade, sugestionabilidade, intolerância e mutabilidade. Utilizamos o conceito de massas como sinônimo de “público”. Um agregado de pessoas que possuem as mesmas opiniões e crenças a respeito de um determinado assunto.

Encontram-se enfaticamente no seu modo de avaliar o mundo e os acontecimentos a sua volta. Seja qualquer acontecimento será aferido pelo mesmo diapasão, liberando os mesmos sentimentos a distorcer a realidade compartilhada. Tecnicamente chamamos uma “visão catatímica”.

Movidas por verdades “puras”, as massas caminham sem destino, respondendo ao primeiro estímulo venha de onde vier, vivem perpetuamente em busca de novidades para fazer calar a sua avidez sem sentido e sem nome. Acolhe, envolve e transforma qualquer informação que surja a sua frente.

Não nos deixemos deixar levar. As massas articuladas fazendo parte do Apparatus ao alterar o cotidiano do nosso viver, passam a demonstrar e a constituir «um incessante operativo e efetivo poder em nosso mundo - o poder o qual manifesta-se ele próprio não mais do que transitório no “público” ou na “ralé”» (Jaspers, 1951, p.37)

Ocorre um clamor que na maioria das vezes permanece contido, submerso e calado em cada homem que pertence a uma massa. Ei-lo: Aquilo que outros possuem, eu também quero, tal desejo o faz avançar.

As massas articuladas e prontamente convocadas nos dias que correm possuem como peculiaridades, dentro do Apparatus, não serem uniformes.

Jaspers salienta «... essas massas articuladas são mutáveis. diversificadas, expressões de algum específico resultado histórico da existência humana» (Jaspers, 1951, p.39).

Vale assinalar, que ocorre uma transformação no homem que pertence como membro de uma massa. Melhor dizendo, uma dupla transformação.

O homem “mergulhado” na massa, passa a ser algo diferente de si mesmo. De forma automática passa a agir como os outros, numa monolítica forma de estar. Por outro lado, de maneira paradoxal, o mesmo homem passa a ser um “isolado átomo” na expressão de Jaspers.

Sua existência é sacrificada.

Temos diante de nós, um homem que sem se dar conta e movido pela rapidez das desinformações que recebe e perde o rumo do seu verdadeiro existir.

Ainda devemos, em relação as massas, levar em linha de conta um outro aspeto.

Ei-lo: as massas ditas “articuladas” e suas características merecem ser estudadas.

Sigamos Jaspers:

As corporações as quais quer por serena eficiência ou por votação organizada, decidem o que desejam fazer são massas organizadas quando dentro de cada uma delas um número de indivíduos surge como tendo poderes. Ainda essas massas articuladas são mutáveis, diversificadas, expressões transitórias de algum efeito histórico da existência humana. Massas articuladas podem, contudo, expressar elas próprias em tempos mais do que opiniões comuns mostrando-se capazes em certas ocasiões de forma singular. (Jaspers,1951, p.39)

O caminho proposto por Jaspers para sairmos desse emaranhado de desinformação, que chega a cada toque dos nossos celulares, passa por percebermos que eu estou em dívida para com o meu próprio ser, significa mais para mim do que posso aprender como verdade objetiva. E continua em seu clamor contra a força das massas. Nas redes sociais refletidas pelo aumento crescente de seguidores, do número astronômico de visualizações de pseudoverdades.

Passamos a estar desconectados com a vida real que passa a ser simplesmente rejeitada e paulatinamente, sem nos darmos conta, passa a valer somente aquilo que é propalado pelas massas. Cada vez mais as pseudoverdades agitam-se e difundem-se. Não podemos deixar de lado que a primeira real e profunda transformação deve emergir do nosso eu. A partir daí passa a se refletir no Ethos da política cotidiana. Devemos nos precaver, pois, nos dias que correm nenhum homem pode fugir de ser invadido pela perplexidade que observa ao seu redor acompanhado de um desânimo avassalador. Em outros termos, buscamos não sermos meras cópias replicadas e que passem a ser usadas, desfrutadas e eliminadas para que novas venham a surgir num curtíssimo período de tempo. Novos “likes” para novas imagens, sem preservar o seu essencial e único conteúdo.

Jaspers assinala: «Homens não existem com unidades isoladas, mas como membros de uma família em sua casa, como amigos de um grupo; como partes disso. Ou de outro rebanho com uma bem conhecida história». (Jaspers, 1951, p.41)

Temos então: a importância do discurso, a presença efetiva de um ator que se torna agente do ato e não mera imagem substituída e esquecida ao final de cada efêmera “historia” compartilhada nas redes sociais. A identificação do ator é feita pela palavra empenhada. Por último, frente a todo esse cipoal de mudanças, desinformação, “jogo de sombras” e pseudoverdades, qual seria o nosso posicionamento e com qual objetivo claro?

Qual o nosso posicionamento prático?

O objetivo claro é o seguinte: a defesa intransigente do sistema democrático. Não podemos dar as costas ao saber da história. De diversas formas, em momentos distintos, ressurgem em nosso meio o “ovo da serpente”. Em outros termos: a vontade e a ação deliberada do clamor subterrâneo de formas de totalitarismo. As redes sociais são um terreno fértil para a reunião e formação de concepções antidemocráticas. A razão como a fonte primitiva da ordem não deve evaporar-se frente ao fracasso enunciado pelo clamor das redes sociais.

A aceitação, dentro da ordem democrática, de “linhas vermelhas” que não podem ser ultrapassadas deve nos guiar. Medidas que em seu bojo defenderiam o cerne da democracia e das suas instituições.

Na vida democrática efetiva, estável e atuante o poder político deve ser submetido a um controle. No campo democrático real nenhum poder político pode emergir como absoluto.

Criar limites ao poder está longe de qualquer visão de totalitarismo. Porquê?

Dessa forma manteríamos: a diversidade de opiniões, o embate de ideias, o escrutínio de outras esferas do poder e a comunicação transparente. Todos esses elementos não estão presentes em regimes totalitários.

As redes sociais que estimulam e mantem a desinformação, que ativam a manipulação das massas rapidamente convocadas, que propalam mensagens de racismo e xenofobia tendem a criar fissuras no edifício democrático construído com lágrimas, suor e sangue por décadas no mundo ocidental. Vimos que a desinformação funciona como uma “mercadoria” no bojo da Revolução Digital que vivemos. São propaladas falsas notícias e criadas falsas necessidades que, sem elas não teríamos condições de sobreviver. Cabe então, para finalizar com as palavras de Steiner:

A dignidade do homo sapiens é precisamente essa: a percepção da sabedoria. A demanda do conhecimento desinteressado, a criação da beleza. Fazer dinheiro e inundar as nossas vidas de bens materiais cada vez mais trivializados é uma paixão profundamente vulgar e inane» (Steiner,2004, p.53)

Conclusão

Há tempo para tudo. É, pois, o tempo de concluirmos. Ao retornarmos aos nossos prévios objetivos expressaremos as nossas derradeiras opiniões.

Uma revolução é uma mudança inapelável da nossa personalidade com o mundo a nossa volta. A revolução é um “corte” com a história, é um “mudar de rumo” do tão decantado “comboio da história”. É o momento único em que diversas e inauditas forças fazem simplesmente acontecer os eventos. Eventos que, tal qual a figura de Juno, possui duas faces. Uma face posterior que olha para os acontecimentos do passado e uma face anterior que se prepara para arrostar, o novo, o inusitado, aquilo que quebra a ordem estabelecida.

A era digital que permitiu termos em nossas mãos acesso ilimitado e contacto com tudo o que ocorre pelo mundo, a bem da verdade, fez surgir um novo Leviatã. Essa profunda mudança tecnológica, que continua o seu avançar, só não levou em conta uma coisa: o utilizador final dessa espantosa tecnologia é o Homem. O Homem que ora é aparentado com os deuses, na sua vã crença que tudo pode, ora aparentado com os demónios, que lhe sussurram crueldades inimagináveis. Passamos a lançar mão da tecnologia digital para propalar os novos “cavaleiros do apocalipse”: a violência desmedida, a xenofobia, o racismo e os preconceitos sexuais.

Demonstramos quais os “mecanismos mentais” que nos levam a deixar de lado, prontamente, a serena e incisiva ação da razão.

Também é certo que os avanços da Revolução Digital poderão favorecer o nosso cotidiano e problemas que ainda não conseguimos respostas no campo da medicina e da produção sustentável de alimentos contra as mudanças climáticas. Cabe, no entanto, traçarmos linhas vermelhas para o avanço desordenado das “maravilhas tecnológicas digitais”.

A verdade, no mundo digital, passa as ter a necessidade de ser volátil, a comunicação a uma velocidade planetária facilmente nos leva a crer em pseudoverdades sejam acontecimento ou imagens. Vivemos o tempo presente da verdade inelutável, que resolvemos chamar de “flash digital”. É um tempo prontamente aceito, sem questionamentos, sem memória e que não sofre a ação da razão. Encontra-se instalada a revolução digital, em sua pior face.

Existe, no entanto, uma “linha de fuga” para fazermos frente aos aspetos mais negativos da revolução digital. Encontra-se em causa a defesa da democracia. No texto a citação ao nazismo foi plenamente propositada. A democracia não deve se deixar encurralar ou perder tempo e falsamente acreditar que tudo passará. É certo que poderemos vir a pagar um preço muito caro. Não nos deixemos enganar. A vitória final da liberdade, sempre foi feita de sangue, lágrimas e de um esforço contínuo.

A história já nos demonstrou que não é assim, não nos esqueçamos que a democracia firmou a sua crença nos direitos do homem. A democracia é a supremacia dos direitos do homem em qualquer lugar. De todos os homens que vivem sob a égide e proteção do modelo democrático. A democracia é visível nas instituições que promovem o Estado de Direito. Aceita opiniões contrárias, respeitadas dentro dos limites da lei e da convivência de uma sociedade plural. A democracia consiste em submeter o poder político a um devido controle.

Antes da formulação desse controle devemos perceber que Alexis de Tocqueville chamava a nossa atenção:

A partir do momento em que os assuntos comuns passam a ser tratados em comum, cada indivíduo apercebe-se de que não é tão independente dos seus semelhantes como julgava inicialmente e que, para obter o seu apoio, deve muitas vezes, auxiliá-los. Quando é o público a governar, não há homem que não sinta o preço da benevolência pública e que não procure cativá-la, atraindo a estima e o afeto daqueles que o rodeiam. (Tocqueville, 2002, p.598)

A política digital tem uma origem, meios e objetivos claros. Os meios tecnológicos avançados, nos dias que correm, influenciam as nossas convicções, os nossos valores e as nossas condutas. Limitar a ação da influência de novas tecnologias não é uma ação totalitária. O totalitarismo não acata diversidades. Limitar teria como objetivo resguardar os valores que nos fizeram avançar e por vezes pegar em armas e que, ainda, nos permitem sonhar com um mundo mais verdadeiro.

Referências

- DIAS, Carlos Pedro; REIS, Bruno; LOPES, Paula. *Post-truth and Democracy: a Reflection on Desinformation Mechanisms*. Revista de Investigaciones Políticas y Sociológicas. Santiago de Compostela: V.21(1), p.1-10, janeiro 2022.
- HARTL, Eva; HESS, Thomas. *The Role of Cultural Values for Digital Transformation: insights from a Delphi Study*. Boston: Twenty-third Americas Conference on Information Systems, p. 1-10, 2017.
- JASPERS, Karl. *Man in the Modern Age*. New York: Doubleday Anchor Books, 1951
- JASPERS, Karl. *Reason and Existenz*. Groningen: The Monday Press, 1957.
- JASPERS, Karl. *Philosophy and The World*. Washington: Regnery Gateway, 1989.
- JASPERS, Karl. *Philosophy of Existence*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1995.
- JASPERS, Karl. *Origen y Meta de la Historia*. Barcelona: Alcantilado, 2017.
- JASPERS, KARL. *Karl Jaspers Basic Philosophical Writings*. New Jersey: Humanities Press, 1986.
- KNELL, Mark. *The digital revolution and digitalized network society*. Review of Evolutionary Political Economy. Brener: V.2, p.9-25, 2021.
- PHILLIPS, Tom. *Humanos*. Lisboa: Grupo Editorial Unipessoal, 2019.
- STEINER, *A Ideia de Europa*. Lisboa: Gradiva, 2004.
- TOCQUEVILLE, de Alexis. *Da Democracia na América*. Lisboa: Principia, 2002.

Autor(a) para correspondência / Corresponding author: Nivaldo Marins. nivaldomarins@sapo.pt